



A internet como ferramenta de luta do MST

Neblina Orrico*

A Internet se tornou, a partir do fim dos anos 90, uma ferramenta importante para a expressão e organização de determinados movimentos sociais. Mas, não só para eles, pois atualmente, a *world wide web* está entranhada no dia-a-dia das pessoas, apesar da grande exclusão digital que ainda existe. Parece que todos dependemos dela – direta ou indiretamente – o que torna quase impossível pensar o cotidiano sem a interação que ela nos permite. Nos apropriamos, experimentamos e modificamos diariamente essa ferramenta.

Uma das grandes vantagens da Internet é a facilidade da criação de redes – sociais, de amizade, econômicas, comerciais, etc – conectadas umas às outras que se transformam em verdadeiras comunidades on-line. Essas redes são flexíveis e têm uma enorme capacidade de sobreviver, pois sofrem as mais variadas adaptações no mundo virtual. Além disso, elas permitem que as decisões em relação à sua estrutura ou objetivos sejam tomadas e divulgadas de qualquer parte do mundo, de uma forma descentralizada, horizontal.

Essas mesmas redes acabam se transformando em instrumentos de organização, que visam à ação coletiva e construção de significados, afirma Castells. “As redes levam à formação

de comunidades on-line que têm o poder de reinventar a sociedade”¹. O autor – um dos maiores estudiosos da internet e suas conseqüências no mundo moderno – frisa que a ela pode ser considerada como uma alavanca na transição para uma nova forma de sociedade – aquela que ele batiza de *sociedade em rede*. “A Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global”, diz Castells. Aos internautas cabe filtrar, interpretar e usar, de acordo com seu próprio contexto, as informações que conseguem obter na internet.

Hoje talvez seja impossível imaginar o mundo sem a Internet. A rede mundial de computadores permite que, pela primeira vez na história da humanidade, milhões de pessoas se comuniquem de qualquer lugar do mundo com relativa facilidade de uma maneira “virtualmente instantânea”. Como nos lembra Thompson²: “Distâncias foram eclipsadas pela proliferação de redes de comunicação eletrônica. Indivíduos podem interagir uns com os outros, ou podem agir dentro de estruturas de quase-interação mediada, mesmo que estejam situados, em termos de contextos práticos da vida cotidiana, em diferentes partes do mundo”.

Essa forma de interação, à distância, mediada por computadores, apesar de concebida inicialmente como um bem privado associado a atividades militares³, atualmente é muito utilizada pelos movimentos sociais. Veremos a seguir como se dá e quais são as conseqüências dessa utilização.

Quando começaram a utilizar a internet, os movimentos sociais pensavam apenas em melhorar suas atividades administrativas – organizar arquivos com a busca de materiais online, contatos por e-mail, troca de informações, etc. Poucos pensaram em utilizar a internet no máximo de seu potencial. No entanto, ao longo do tempo, foi ficando clara a gama de oportunidades que tal ferramenta poderia trazer, como por exemplo agilizar o

¹ Castells, *A Galáxia da Internet*.

* Jornalista e mestranda em Ciências Sociais pelo Centro de Estudos e Pesquisas sobre as Américas (CEPPAC) da Universidade de Brasília (UnB), Brasil. E-mail: neblina@unb.br

²Thompson, John B. *A Mídia e a Modernidade*.

³ Mais adiante, no “Histórico da Internet”, veremos como a rede mundial de computadores foi criada e quais eram os seus objetivos iniciais.

acesso às informações estratégicas, como decisões governamentais, e até mesmo facilitar a integração e comunicação de movimentos sociais que tivessem objetivos comuns a nível local, regional, nacional e até internacional. León⁴ ressalta que “las organizaciones sociales, a lo largo de la década del 90, han ido percibiendo la necesidad de incorporar progresivamente los sistemas digitales a las diversas tareas de su que hacer cotidiano”.

Seis importantes movimentos sociais podem ser considerados precursores na utilização da Internet segundo mapeamento feito por Cohen e Rai (2000)⁵: os movimentos que lutavam pelos direitos humanos, pelos direitos das mulheres, pelo trabalho, pela preservação do meio ambiente, pela paz e movimentos com caráter religioso. Esse trabalho mostrará que o movimento que luta pela Reforma Agrária no Brasil, o MST, também foi um dos pioneiros na utilização da internet como ferramenta de luta, pelo menos no Brasil, apesar de ter iniciado a plena utilização da ferramenta há mais ou menos 6 anos. Atualmente, o MST usa a internet de forma plena, além de já ter iniciado um projeto ambicioso de levar ao campo a inclusão digital.

Para entendermos a importância dessa análise, nos valem das palavras de Maria da Glória Gohn⁶ que nos lembra que os movimentos sociais latino-americanos têm uma particularidade em relação aos do restante do mundo: a maneira de usar os meios de comunicação como ferramenta de luta. Segundo ela, “construir/fabricar” discursos novos que gerem impactos e virem notícia é uma preocupação permanente da maioria dos movimentos sociais da atualidade, pois essa é uma forma de legitimar suas ações e construir uma identidade. “Os recursos tecnológicos são as grandes armas estratégicas utilizadas na organização e mobilização do movimento. A Internet tem sido o principal instrumento de comunicação na elaboração de suas agendas (a agenda dos movimentos sociais)”⁷.

⁴ León, Osvaldo. *Movimientos Sociales en la Red*.

⁵ Maria da Glória Gohn. *Teorias dos Movimentos Sociais*.

⁶ Gohn, Maria da Glória, *Teorias dos Movimentos Sociais*.

⁷ _____, *Movimentos Sociais no Início do Século XXI*.

Durante este trabalho pudemos verificar que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra encontrou na rede mundial de computadores um modo eficiente para expandir seu campo de ação, o que os levou a atingir o mundo todo. “Como encontraram nela (na Internet) meio apropriado de organização, esses movimentos abriram e desenvolveram novas avenidas de troca social, que, por sua vez, aumentaram o papel da Internet como mídia privilegiada”, ressalta Castells⁸. As “avenidas de troca social” citadas por Castells podem ser exemplificadas com o enorme número e páginas não-oficiais que se pode encontrar ao digitarmos MST em uma ferramenta de busca como o Google⁹: 64,4 mil páginas em português e 2,760 milhões se procurarmos na internet como um todo. É importante ressaltar que esses sites estão nas mais diferentes línguas. Apropriando-nos das palavras de León¹⁰ podemos dizer que “la Internet es, de lejos, la expresión más visible de las nuevas tecnologías”.

Considerando que a Internet funciona como um meio de comunicação autônomo para os movimentos sociais, podemos dizer que existem milhares de vantagens na sua utilização. Uma pequena lista: uma maior flexibilidade em termos de organização pela facilidade de comunicação com pessoas diferentes em lugares distantes, acesso a informações estratégicas, interação com simpatizantes e sociedade civil, denúncias de fatos com as versões do movimento, divulgação e organização de mobilizações, etc.

Além dos movimentos sociais, qualquer pessoa pode criar e divulgar suas próprias informações, induzindo à formação de redes voluntárias de apoio para determinada causa.

Para termos uma idéia da dimensão do universo do qual estaremos tratando, atualmente, existem cerca de 825 milhões de pessoas conectadas¹¹ à Internet em todo o mundo. As previsões das empresas que medem o número de usuários conectados indicam que, até 2005, mais de um bilhão de pessoas terá acesso à Internet. O número de usuários brasileiros ativos (que acessam a Rede pelo menos uma vez por mês) é de aproximadamente 11,9

⁸ Castells. *A Galáxia da Internet*.

⁹ www.google.com.br

¹⁰ León, *Osvaldo. Movimientos Sociales en la Red*.

¹¹ A pesquisa foi realizada pela E-Consulting em novembro de 2003. Neste estudo, foram contabilizadas somente pessoas com acesso residencial à Internet.

milhões, enquanto que nos Estados Unidos há cerca de 145 milhões de internautas ativos¹². Para que possamos fazer uma comparação, vale lembrar que, em 1995, o primeiro ano de uso disseminado da Internet, havia somente 16 milhões de usuários.

No Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) foi um dos pioneiros na utilização da internet entre os movimentos sociais. Um dos objetivos era formar uma rede nacional de integrantes que poderiam se comunicar facilmente em tempo real, participando da tomada de decisões do grupo com um só movimento. Mas, também faz questão de frisar que a política de comunicação do MST não pode se limitar a internet por uma questão muito prática: na maioria dos assentamentos e acampamentos não existem sequer energia elétrica, quanto mais computadores e linhas telefônicas. No entanto, o depoimento de um dirigente do MST ajuda a entender como tudo começou:

“É mérito do movimento ter se mantido muito atento em relação à questão do desenvolvimento tecnológico da comunicação. No Brasil, foi a primeira organização que colocou uma rede de telex em todos os Estados, de maneira conjunta com a Comissão Pastoral da Terra (CPT), com a intenção de facilitar a informação e dar a ela unidade a nível nacional. O critério era que se o movimento não tentasse nacionalizar a luta, iria se tornar um fracasso. Então, com essa mesma lógica, depois do telex veio o fax e logo, quase de maneira natural, os computadores e a Internet. Isso num primeiro momento assusta, mas cada vez mais vamos nos dando conta de que se trata de um recurso de comunicação ágil, eficiente, que sempre está te exigindo coisas novas”¹³.

Até agora, pudemos verificar que a internet como ferramenta de luta permitiu ao MST uma intervenção ágil em assuntos específicos, acentuando-lhes a visibilidade pública. Também tem facilitado a constituição de comunidades virtuais por aproximações temáticas, anseios e atitudes, que "reforçam a sociabilidade política e praticam uma ética por interações"¹⁴ não só do MST enquanto movimento social, mas da sociedade civil como um todo. As

¹² Matéria do Jornal do Brasil de 29/05/04, “Brasileiros mais conectados”.

¹³ León, Osvaldo. *Movimientos Sociales en la Red*.

¹⁴ Moraes, Dênis de. *O concreto e o virtual. Mídia, cultura e tecnologia*.

iniciativas, sejam elas dos movimentos sociais, da sociedade civil, de ONGs ou companhias privadas, receberam até mesmo um nome: ciberativismo.

Mas, esse não é um processo sem contradições. A utilização da internet requer a definição de estratégias de comunicação específicas de cada um dos atores que se propõe a utilizá-la, e um dos principais é tomar iniciativas para ampliar o número de usuários, a tão famosa inclusão digital – tema do qual trataremos na parte em que analisamos o projeto de inclusão digital do MST – além da capacitação dos próprios ciberativistas.

Os sem-terra

Para entendermos melhor como se dá o uso da internet como ferramenta de luta pelo MST, traçaremos nas linhas a seguir um breve histórico do movimento. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tem a sua origem ligada a um elemento central: a luta pela terra. O MST iniciou suas atividades oficialmente em 1984, com a realização do Encontro Nacional dos Sem Terra¹⁵, em Cascavel, no Paraná com a participação de pessoas ligadas à luta pela terra em 16 Estados.

Contribuiu para a constituição do movimento a Pastoral da Terra, ligada à Igreja Católica, a Igreja Luterana que já realizava um trabalho de conscientização e articulação de camponeses no sul do país, sindicatos e militantes de diferentes organizações.

Segundo Gohn, uma sólida organização dirige o movimento em âmbito nacional e impõe as diretrizes gerais, mas um dos líderes e símbolos do movimento é o economista João Pedro Stédile, hoje coordenador nacional do movimento¹⁶. O MST estrutura-se em setores, divididos em: Educação, Produção, Formação, Frente de Massa, Finanças, Comunicação e

¹⁵ Segundo João Stédile, no livro *A Reforma Agrária e a Luta do MST*.

¹⁶ Ex-funcionário público em Porto Alegre, o líder dos sem-terra cursou pós-graduação em Economia no México, onde teria tido um contato mais profundo com a obra de Karl Marx e Mão Tsé-tung.

Projetos Nacionais. Esses diferentes setores são organizados tanto no acampamento quanto no assentamento. (Explicar diferença entre acampamento e assentamento)

Sabemos que o MST não é o primeiro movimento a lutar pela terra no Brasil. Muito antes, famílias agricultoras já se organizavam em busca de terra e melhores condições de trabalho e vida. Podemos citar como exemplo, as Ligas Camponesas e o Master (Movimento dos Agricultores Sem terra) que existiram entre 1950 e 1964 e as lutas de Canudos e o Contestado no final do século 19. Porém, o MST seria o primeiro a utilizar a Internet como ferramenta de luta.

Segundo Stédile, o MST considera-se herdeiro das Ligas Camponesas. A experiência do primeiro norteou a formação do movimento, assim como as experiências de outros movimentos camponeses na América Latina.

Hoje o MST atua em 23 estados, envolvendo mais de 1,5 milhão de pessoas. Até agora, cerca de 350 mil famílias foram assentadas e outras 80 mil vivem em acampamentos. Para termos uma idéia da força do movimento, o MST montou 2.194 acampamentos de 1990 a 2001, mobilizando mais de 368 mil pessoas. Em 2003, foram montados 632 acampamentos com 116.382 pessoas envolvidas.¹⁷

A ocupação de terras consideradas improdutivas é uma das bandeiras do MST. Mas, além disso, eles possuem um projeto de reforma agrária para o Brasil que inclui, entre outros aspectos, a democratização da terra, apoio à produção familiar e cooperativada, com crédito e seguro agrícola, desenvolvimento de tecnologias adequadas à realidade brasileira, integração social, política e cultural.

O site dos sem-terra na Internet foi criado em 1996 pela coordenação nacional do movimento. Atualmente, cada estado possui algumas pessoas que avaliam o conteúdo da página, mas existe um responsável pela coordenação nacional do setor de comunicação. Aparentemente eles não têm uma estratégia tão ousada quanto de outros movimentos

¹⁷ Dados extraídos do site do movimento: www.mst.org.br.

sociais para utilizar as vantagens do mundo virtual em seu benefício, apesar de ficar evidente o aspecto de utilizar o site como veículo de comunicação autônomo que divulga notícias relacionadas aos sem-terra de todas as regiões do país.

Responsáveis pelo site do MST esclareceram que o aspecto institucional da página pode ser explicado pelo fato de que ela é utilizada como cartão de visita para possíveis futuros “parceiros” do movimento. É por meio dela que muitas ONGs e Organismos Internacionais interessados em financiar projetos do MST conhecem um pouco mais a respeito da organização dos sem-terra no Brasil.

A página dos sem-terra tem o cuidado de evitar estrangeirismos. Palavras como "site" e "link", comuns no *ciberespaço*, estão vetadas. São substituídas por "sítio" e "indicações". Disponível em seis idiomas, além do português, a página do MST é um exemplo de ciberativismo.

Depois de passar por uma reformulação, a atual página do MST divide-se em 9 partes principais:

1. **Notícias**, que funciona como a primeira página ou página principal;
2. **Informativos**, que lista todos os informativos que o movimento possui, tanto impressos quanto eletrônicos;
3. **Quem somos**, com a história do movimento, dados dos assentamentos, etc;
4. **Biblioteca virtual**, com textos, livros publicados pelo MST, vídeos e dados do movimento, como o número de assentados, acampamentos, prisões, prêmios recebidos, etc.
5. **Setores**, que descreve o funcionamento de cada setor do MST: Produção, Cooperação e Meio Ambiente; Direitos Humanos; Educação, Gênero, Saúde e Cultura;
6. **Interação** com os internautas e visitantes da página. Onde as pessoas que visitam o site podem deixar comentários de apoio, críticas, sugestões, fazer perguntas, etc;
7. **Multimídia**, seção que traz as músicas e fotos do movimento;

8. **Campanhas**, mostra as campanhas das quais o MST participa;
9. **Indicamos**, links relacionados ao movimento.

O movimento possui um boletim eletrônico quinzenal se chama MST Informa. Os temas abordados nesse boletim são Reforma Agrária, Alca, Liberdade para militantes presos, enfim assuntos que digam respeito ao movimento.

Um exemplo do boletim pode ser visto abaixo:

Brasil precisa de Reforma Agrária urgente

Diante da mudança da presidência do Incra vimos a público manifestar que:

1. A mudança da presidência do Incra faz parte da natureza do governo e é de sua responsabilidade escolher os servidores em cada função, já que são cargos de confiança. Manifestamos nosso respeito pelo presidente demissionário.
2. O MST sempre manteve e manterá sua autonomia em relação ao governo.
3. Defendemos a necessidade de uma Reforma Agrária como política prioritária de governo. O povo elegeu o presidente Lula para fazer mudanças no atual modelo agrícola.
4. Defendemos uma Reforma Agrária que seja um instrumento para resolver os graves problemas do desemprego, da fome e da pobreza no meio rural.
5. Para isso precisamos de uma Reforma Agrária popular, que represente a democratização do acesso a terra com a desapropriação de todos os latifúndios improdutivos, conforme determina nossa Constituição Federal. Defendemos a implantação de agroindústrias casadas com a Reforma Agrária, a democratização da educação no meio rural e um novo modelo tecnológico e de assistência técnica, adequado à agricultura familiar e cooperativada.
6. Os compromissos históricos do Partido dos Trabalhadores e demais partidos de esquerda que ganharam as eleições, e do próprio presidente Lula, expressos em Vida digna no campo, documento de campanha, coincidem com nossa proposta de Reforma Agrária e temos confiança que continuam vigentes.
7. Esperamos que o governo adote as medidas necessárias, quer sejam orçamentárias e/ou administrativas, para que a Reforma Agrária seja de fato, uma prioridade.
8. De nossa parte, como movimento social, seguiremos com nossa tarefa principal, que é conscientizar e organizar os trabalhadores para seguir lutando pela Reforma Agrária.

São Paulo, 3 de setembro de 2003 - Direção Nacional do MST.

Uma das conclusões a que chegamos até este ponto da pesquisa é que a utilização da Internet dispensa o contato face-a-face da militância tradicional, não exige perfil ideológico e tampouco obriga que o simpatizante/militante abdique de aspectos da vida pessoal em prol da causa. Isso facilita a adesão de novas pessoas, que podem contribuir virtualmente com o movimento, enviando e-mails, criando listas de discussões, sugerindo tipos de ações, pressionando a mídia, entre outras coisas.

Para entender como melhor como os integrantes do movimento enxergam a utilização da internet, fizemos as perguntas abaixo para líderes do movimento:

1. Qual é a importância da ferramenta Internet para o MST?
2. Qual é a infraestrutura tecnológica que o movimento possui?
3. Como vocês percebem a utilização da internet? (riscos, ameaças, vantagens)
4. Quais os benefícios podem ser alcançados pelo movimento com a utilização da Internet, e como isso se traduz em linhas de ação, políticas e estratégias comunicacionais?

Uma das respostas recebidas por e-mail foi do coordenador nacional do setor de comunicação do MST, Miguel Stédile. Ela é colocada na íntegra a seguir:

“Prezada Neblina,

Optei por expor nossa visão sobre a internet, ao invés de responder as questões, e se for preciso, estou a disposição para outras informações:

O Movimento Sem Terra trabalha com a internet há aproximadamente seis anos, com maior intensidade. Inicialmente com a nossa página na internet e nos últimos dois anos com um boletim eletrônico chamado “letraviva” distribuído para milhares de assinantes que cadastram-se em nossa página.

Ambas experiências tem demonstrado a praticidade de se utilizar a internet, pela relação custo – abrangência e pela velocidade com que conseguimos atingir um grande público com nossa mensagem.

Neste sentido, a internet é uma ferramenta importante e seu uso tem sido positivo para nós. Nossa página, por exemplo, recebe em torno de 2 mil visitas diárias e está disponível em seis idiomas.

No entanto, entendemos que a política de comunicação do MST não pode se limitar a internet. Por exemplo, para nos comunicarmos com nossa base social, a internet seria uma ferramenta inviável, já que requer, no mínimo, uma linha telefônica e energia elétrica, dois “privilégios” que os sucessivos governos federais não permitiram que a maior parte das famílias assentadas tivessem acesso. Segundo pesquisa do Ministério do desenvolvimento Agrária e da USP, 55% dos assentamentos implantados durante o Governo Fernando Henrique não possuem energia elétrica. Que se dirá computadores.

Da mesma forma, precisamos considerar que apesar dos nossos esforços – e não são poucos, afinal, hoje, temos cerca de 160 mil estudantes em escolas de assentamentos – o analfabetismo está profundamente enraizado no meio rural, assim como a precariedade do ensino. O que também prejudica o acesso a este meio específico e potencializa outros meios, como rádios comunitárias.

Portanto, em primeiro lugar, a internet é uma ferramenta preciosa para nos comunicarmos com uma parcela da sociedade, nos meios urbanos, que procura conhecer ou já apóia o Movimento Sem Terra. O fato de nossa página estar disponível em outros idiomas, permite também que possamos furar o “bloqueio” e o “tratamento” que a grande imprensa e as agências internacionais dão a questão agrária no Brasil, atingindo também apoiadores internacionais em curto espaço de tempo.

Nos preocupa, por outro lado e sem desmerecer estas vantagens da internet, certa concepção de que a internet seja a “principal” ou “única” forma de ação de movimentos sociais neste milênio. A facilidade e a agilidade de suprir grandes distâncias é importante na capacidade de articulação de movimentos sociais em todo o mundo e no intercâmbio de experiências e opiniões. Mas a força de um movimento social reside em sua capacidade de organização e de mobilização. Ou seja, o mérito de manifestações contra o G-8, FMI, etc. não está no fato de que possam ter sido articuladas pela internet, mas na quantidade de pessoas que reuniram em Seattle, Gottensburg ou Porto Alegre.

A Internet, como instrumento criado com fins militares, também ainda não provou sua segurança. Fala-se muito no sistema Echelon, que possibilitaria os Estados Unidos, onde se encontram a maior parte dos provedores, de exercerem monitoramento e censura a determinadas mensagens. Não acredito que seria paranóia imaginarmos um sistema assim ou esta prática. Principalmente numa época em que alguém como George Bush é presidente dos Estados Unidos.

Em relação a uma possível comparação com os zapatistas nesta área, me adianto em dizer que é uma comparação natural, uma vez que ambos movimentos possuem praticamente a mesma idade, vinte anos; que ganharam notoriedade num período em que o discurso neoliberal dizia que a história havia acabado e que ambos movimentos insistiram, com métodos e concepções diferentes, que era possível e preciso lutar. Mas no que tange ao uso da Internet, diria que eles destacam-se por serem pioneiros no uso da internet para divulgarem suas mensagens. Se há semelhanças é no fato de insistirem que apenas a luta organizada traz conquistas e de que a Barbárie ainda não derrotou a humanidade.

Forte abraço,

Miguel Enrique Stédile
Coordenador Nacional do Setor de Comunicação
MST”

Projeto de inclusão digital do MST

O MST tem um ambicioso projeto de inclusão digital para os trabalhadores rurais que já estão assentados¹⁸. Segundo o movimento, é importante que os camponeses e seus filhos tenham acesso às novas tecnologias, para que queiram permanecer no campo, possam pesquisar novas maneiras de plantar e estejam permanentemente informados sobre o que se passa no mundo.

O objetivo do projeto é ensinar os sem-terra de todos os estados a utilizar a tecnologia. Mas, para que isso aconteça, primeiro é preciso ter acesso a ela. O responsável pelo setor de informática do MST é Pascal Daniel Angst, um suíço que trabalha como voluntário no Brasil, mas recebe uma ajuda de custo de uma ONG de seu país.

Ele conta que se aproximar dos líderes do MST, ganhar a confiança deles, não foi fácil. Segundo Pascal, o MST começou suas atividades como um movimento de camponeses e até hoje é um movimento de camponeses. Por isso não eles nunca confiaram muito em pessoas de fora, principalmente estrangeiros, além de não acreditarem no potencial das novas tecnologias como a internet: “No início eram bastante fechados, a internet acompanhou um pouco essa abertura. Percebo que de 5 anos pra cá o MST avançou, evoluiu”.

A tarefa de conectar o MST à rede mundial de computadores começou do zero. O trabalho desenvolvido por Pascoal e sua equipe tem três eixos principais: conseguir computadores, educar os militantes e conseguir a quantidade e o tipo de software certo. Nesse caso, o software que eles utilizam é o chamado “livre”¹⁹. Em parceria com a *Free Software Foundation*, Angst iniciou o trabalho de conectar o MST à rede mundial de computadores.

¹⁸ Ou seja, já foram beneficiados pela Reforma Agrária e vivem no campo com suas famílias plantando, colhendo, participando de cooperativas, etc.

¹⁹ Software livre ou *Free Software* pode ser definido como aquele que está disponível para qualquer pessoa usar, copiar e distribuir, seja na sua forma original ou com modificações. No entanto, a possibilidade de modificar o software implica em que o código fonte esteja disponível. É possível ler a definição de software livre dada pela *Free Software Foundation* no site <http://www.fsf.org/philosophy/free-sw.pt.html>

A importância do desenvolvimento desse trabalho dentro do MST pode ser compreendida nas palavras de Pascal: “A internet é uma realidade que se impõe cada vez mais em todas as esferas da vida. É uma realidade nas grandes cidades, é a ferramenta principal de comunicação e informação. É ferramenta de poder”.

Para o MST, deixar os agricultores fora da internet é um problema, pois gera exclusão. Um dos objetivos da inclusão digital é manter o assentado, o filho dos assentados, no campo. “Nada adianta fazer a Reforma Agrária se daqui a alguns anos o filho do assentado não tiver direito uma boa escola, com as mesmas ferramentas de comunicação e informação que os outros têm. Assim evitamos que esses jovens deixem o campo para irem morar nas periferias das grandes cidades”, destaca Pascal.

Para iniciar o programa de inclusão digital, o MST fez primeiro um levantamento para saber onde e quantos computadores eram usados dentro do movimento. Verificou-se que só havia computadores nas secretarias estaduais do MST e em algumas secretarias regionais no Sul e no Sudeste. “Tínhamos, até o projeto de inclusão digital, no máximo 50 lugares conectados à internet de alguma forma”, diz Pascoal.

O impulso inicial para o projeto foi uma doação de cerca de mil computadores feita pelo Banco do Brasil. Com as máquinas, o MST, com a coordenação de Pascoal e sua equipe, pode começar a colocar em prática a idéia de conectar secretarias, escolas, cooperativas e os assentamentos à internet. “Não adianta ensinar informática para os alunos de nossas escolas de formação se depois, quando eles voltam para o campo, não têm acesso”.

O objetivo inicial é criar entre 110 e 120 telecentros²⁰ por todo o país. Mas, o setor de informática já registra uma demanda cada vez maior das secretarias estaduais, que têm recebido cada vez mais pedidos de instalação de telecentros em seus assentamentos.

²⁰ Em geral, os telecentros são espaços públicos, constituídos por meio de parcerias entre o governo, as comunidades locais, organizações não governamentais e iniciativa privada. São locais onde estão disponíveis computadores com acesso à internet para pessoas que têm pouca ou nenhuma oportunidade de usar ou aprender a usar essa ferramenta. O uso livre dos equipamentos, cursos de informática básica e oficinas especiais são as principais atividades oferecidas à população.

O próprio Pascoal confirma que seis anos atrás o MST não conseguia enxergar a importância da ferramenta internet: “Há seis anos não tinha quase nada de informática no MST. O uso do correio eletrônico era muito limitado, o pessoal não sabia utilizar muito os recursos do computador e o próprio movimento não tinha as máquinas. Internamente não fazia sentido termos acesso à internet, pois as secretarias estaduais (fora Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo) não tinham correio eletrônico”. A especialização na utilização da rede mundial de computadores permitiu ao movimento desenvolver uma estrutura que possibilitou parcerias com ONGs, com a Unesco, etc, destaca Pascoal.

“O volume de correio eletrônico aumentou muito, o uso ficou mais organizado com a criação de listas de discussão com temas específicos. Tivemos também a criação do site. As coisas estão se desenvolvendo, principalmente nos Estados, nas secretarias estaduais”, nos contou ele.

Em relação a possíveis ameaças para o MST com a interatividade que existe quando se usa a internet, Pascoal é bem específico: “Ameaça direta não vejo. O uso das tecnologias da informação está cada vez mais controlado e incontrolável. Mas o MST sempre teve e ainda tem a preocupação em não centralizar muito poder, dados, informações, etc. Precisamos manter a precaução, se preocupar com o uso adequado”.

A importância da inclusão digital e do uso da ferramenta internet dentro do MST é bem definida pelo próprio: “Nossa preocupação tem que ser ensinar um uso inteligente dessa ferramenta. Nos preocupa o uso ético e inteligente. Nosso objetivo é criar cidadãos inteligentes e responsáveis e a internet entra nesse esquema”.

A formação de agentes multiplicadores de conhecimento também é uma prioridade do movimento. Podemos citar o exemplo de dois assentados – Maria Inês Pereira Pinheiro e Vilmar Boufleuer – que saíram de São Luís (MA) e Curitiba (PR), respectivamente, para participar de um treinamento em software livre na cidade de Porto Alegre (RS).

O curso de que participaram Maria Inês, Vilmar e outros 15 sem-terra foi dado pela Companhia de Processamento de Dados do Rio Grande do Sul (Procergs) que firmou uma parceria com o MST. O objetivo do movimento ao usar o software livre é ensinar aos assentados como funciona a tecnologia gratuita de acesso à internet.

O curso aconteceu no mês de abril deste ano e os instrutores foram Gustavo Noronha(MG), Juan Gentili (Uruguai) e Luciano Lopes (Debian-RS). Os outros participantes vinham de oito estados brasileiros diferentes. "Foi difícil mas não porque era Linux²¹ mas porque nunca tínhamos tido acesso à informática antes", conta Vilmar.

A fala do assentado confirma o depoimento do coordenador de informática do movimento: "O uso do software livre foi uma escolha que envolveu além da parte econômica, a ideologia do movimento, que é contra a exploração capitalista desse meio de comunicação que pode se transformar no mais democrático de todos".

Abaixo, algumas fotos²² do telecentro Canudos instalado no assentamento batizado com o mesmo nome, na área rural de Palmeiras de Goiás, cidade próxima à Goiânia, capital do estado de Goiás.

²¹ O Linux é um sistema operacional distribuído gratuitamente. Foi criado por um estudante de Ciências da Computação da Universidade de Helsinki, Linus Torvalds, na Finlândia, em 1991. Graças a uma arquitetura aberta (que permite a qualquer programador fazer alterações no sistema – o que é chamado de software livre) e o controle rigoroso sobre o kernel (estrutura do sistema operacional), o Linux vem ganhando cada vez mais adeptos.

²² As fotos devem ser creditadas ao pessoal do escritório do MST em Brasília.



Chegada dos computadores doados



Primeiros computadores instalados



Primeira conexão à internet



Crianças acessando a internet pela primeira vez

Projeto “Inclusão Digital de Trabalhadores nas Áreas de Reforma Agrária”

Lista de material para a instalação dos telecentros

Espaço físico

- Sala de 30 m²
- Mesa(s) p/ 11 ou 21 computadores
- 10/20 cadeiras
- Tomadas (ou réguas) trifásicas p/ 6/11 estabilizadores
- Ar condicionado ou ventiladores (em regiões quentes e úmidas)
- Iluminação

Material de informática

- 1 antena GESAC devidamente instalada e com roteador funcionando.
- 1 Servidor c/ P4 1.7GHz/Athlon 1.3GHz, 512MB RAM, HD 40GB, 2 placas de rede (1x100Mbps, 1x10Mbps), CD-ROM, monitor.
- 10/20 Clientes c/ P133, 32MB RAM, placa de rede 100Mbps, disp. disquete, monitor, mouse, teclado, mousepad.
- 6/11 estabilizadores 1kVA 110/220V->110V
- 1 Switch 16/24 portas 10/100Mbps
- 12/22 fios de rede fiação padrão.
- 10/20 disquetes de inicialização (boot)
- 2 CD's de instalação TC-MST

Material p/ formação

- Quadro branco e pinceis atômicos p/ quadro branco ou
- Lousa e gis
- Apostilas de informática p/ usuários
- Cadernos
- Lapis/canetas
- Disquetes
- Certificados

Projeto “Inclusão Digital de Trabalhadores nas Áreas de Reforma Agrária”

Localização dos projetos de telecentro

Estado	Cidade	Local
AL	Maragogi	Escola Paulo Freire
AL	Traipu	Coop. Dom Helder Camara

BA	Ass. 1º de Abril - Prado	CF Carlos Marighela
BA	Ass. Beira Rio - Boa Vista do Tupim	CF Fabio Henrique
CE	Ass. Novo Horizonte - Tururu	CF Bernardo Marin
DF	Ass. Terra Conquistada - Agua Fria de Goiás	Escola Munic. Libório
DF	Ass. Vale de Esperança - Formosa	Escola Estad. 15 de Junho
DF	Brasília	Escritório Nacional - TC Itinerante
ES	São Mateus	CIDAP
GO	Ass. Canudos - Palmeiras de Goiás	Centro de Formação Canudos
GO	Assentamento Oziel - Baliza	Centro de Form. Oziel Alves Pereira
GO	Assentamento Chê II - Colcalzinho de Goiás	Centro de Formação Chê II
MA	Igarapé do Meio	Centro de Capac. Padre Josimo Tavares
MG	Governador Valadares	Centro de Formação Oziel Alves Pereira
MG	Ass. Roseli Nunes – Pequi	Centro de Formação Roseli Nunes
MG	Ass. Franco Duarte – Jequitinhonha	Centro de Formação Franco Duarte
MG	Novo Cruzeiro	Escola Estadual Fazenda Aruega
MG	Ass. 1 de Junho - Tumiritinga	COOPERNOVA
MG	Campo do Meio	Secretaria Regional Sul
MS	Sidrolândia	Centro de Pesq. E Cap. Geraldo Garcia
MS	Ass. Silvio Rodrigues - Rio Brillhante	CF e Cap. Silvio Rodrigues
MS	Ponta Porã	Secretaria Regional
MS	Itaquiraí	Coopasil
MT	Ass. Dorcelina Folador – Várzea Grande	CF Dorcelina Folador
MT	P. A. Antônio Conselheiro – Barra do Bugres	Escola Estadual Paulo Freire
MT	P.A. Antônio Conselheiro – Tangará da Serra	Esc.de Ensino Fund. Che Guevara
MT	P.A. Rosely Nunes – Mirassol D´Oeste	E. M. E. F. Madre Cristina
MT	P.A. G. Pereira de Andrade – Juscimeira	E. M. E. F. Chico Mendes
MT	P.A. Nova Conquista – Cáceres	Escola de Ensino Fund. Paulo Freire
MT	P.A. 14 de Agosto – Campo Verde	COOPAC
MT	Ass. F. Fernandes - São José dos 4 Marcos	ARPA
MT	P.A. Margarida Alves – Mirassol D´Oeste	ARPA
PA	Marabá	CF Mártires de Março

PA	Assentamento Mártires de Abril, Belém	Centro Agro-ambiental Mártires de Abril
PA	Assentamento 26 de Março	Centro Carlos Mariguella
PA	Assentamento Palmares, Parauapebas	APROCPAR
PA	Assentamento 17 de Abril	ASPECTRA
PA	Ass. Onalício Barros, Parauapebas	APROCNOB
PA	Ass. Cabanos, Eldorado dos Carajás	APROMAC
PA	Assentamento João Batista, Castanhal	APROCJOB
PA	Ass. 1º de Março, São João do Araguaia	APROCTRAM
PB	João Pessoa	CF João Pedro Teixeira
PE	Assentamento Normandia - Caruaru	Centro de Formação Paulo Freire
PE	Olinda	Centro de Capacitação Francisco Julião
PE	Santa Maria da Boa Vista	Escola Municipal Paulo Freire
PE	Santa Maria da Boa Vista	Escola Municipal Marcos Freire
PE	Lagoa Grande	Escola Municipal de Ouro Verde
PE	Santa Maria da Boa Vista	Escola Municipal Antônio Conselheiro
PE	Ribeirão	Coop. Prod. Agropecuária de Serrinha
PE	Ass. Estivas / Amaraji	Ass. dos Prod. Rur. do Engenho Estivas
PI	Ass. Lisboa - São João do Piauí	CF Agenor da Silva
PI	Ass. Marrecas - São João do Piauí	Unidade Escolar Amadeus Carvalho
PI	Ass. Palmares - Luzilândia	Unidade Bernardo Sabino da Silva
PI	Ass. Palmares - Parnaíba	Escola Padre Josimo de Moraes Tavares
PR	Cavaco	CEAGRO
PR	São Miguel do Iguçu	ITEPA
PR	Maringá	Escola Milton Santos
PR	Santa Cruz do Monte Castelo	CF e Pesq. Ernest Che Guevara
PR	Querência do Norte	Escola Estadual Centrão
PR	Ortigueira	Escola Libertação Camponesa
PR	Jardim Alegre	Esc. Rur. Mun. Clarimundo Filho
PR	Manoel Ribas	Esc. Rur. Mun. Antonio Tavares
PR	Inácio Martins	Escola Margarida Alves
PR	Cascavel	Esc. Itinerante Acamp. Dorcelina Folador
PR	Quedas do Iguçu	Escola Acamp. 10 de Maio
PR	São Jerônimo da Serra	COANOP

PR	Assentamento Ireno Alves	Rádio Comunidade
PR	Bituruna	Rádio Contestado FM
PR	Acamp. Água da Prata	Rádio Transformação FM
RJ	Campos dos Goytacases	CF do Ass. Dandara dos Palmares
RJ	Comunidade Terra Livre - Resende	Escola Munic. Chico Mendes
RN	Ass. São Sebastião III - Ceará Mrim	CF Josué de Castro
RN	Ceara Mirim	Escola do Ass. Antonio Conselheiro
RN	João Câmara	Escola do Ass. Maria da Paz
RN	Poço Branco	Centro Comunitário de Cravolândia
RO	Ass. Padre Ezequiel - Mirante da Serra	CF Padre Ezequiel Ramin
RO	Ass. Palmares - Nova União	COOPERCOPA
RS	Veranópolis	Iterra
RS	Viamão	Instituto Preservar
RS	Ass. Conq. Da Fronteira - Hulha Negra	CF Paulo Freire
RS	Candiota	CF e Experimentação Bionatur
RS	Nova Santa Rita	Escola Nova Sociedade
RS	Pontão	Escola 29 de Outubro
RS	Hulha Negra	Escola 15 de Junho
SC	Chapecó	CF Justino Drazeviski
SC	Abelardo Luz	CF José Maria
SC	Fraiburgo	Escola Fraiburgo
SC	Vargem Bonita	Escola 09 de Novembro
SC	Dionísio Cerqueira	Escola Conquista na Fronteira
SC	São Miguel do Oeste	COOPEROESTE
SC	Campos Novos	COOPAGRO
SC	Abelardo Luz	COOPERJUS
SC	Fraiburgo	COOPERCAN
SC	Calmon	COOPERCON
SE	Ass. Wanderley Moacir – Quissamã – NS da Glória	Centro de Capacitação Canudos
SE	Ass. Jacaré-Curitiba - Poço Redondo	Escola Zumbi dos Palmares
SE	Ass. Cuiabá - Canindé do São Francisco	Escola Antônio Dutra
SE	Colônia Ladeirinhas A - Japoatã	COARP
SP	Guararema	Escola Nacional Florestan Fernandes
SP	P.A. São Bento - Mirante do	Centro de Difusão de Tecnologias

	Paranapanema	Alternativas
SP	Brás – São Paulo	Campo e Cidade
SP	Ribeirão Preto	Dom Hélder Câmara
SP	Castilho / SP	Terra Livre
SP	Itaberá / SP	Centro da Regional de Itapeva
SP	Assentamento Dezesete de Abril - Restinga	Centro da Regional Dezesete de Abril
SP	Itaberá	Escola EMEF Engenheiro Maia
SP	Ass. Che Guevara - Mirante do Paranapanema	Escola Estadual Santa Clara
SP	Castilho	Escola M.E.I.E.F. Vila dos Operadores
SP	Promissão	Escola Nossa Senhora Aparecida
SP	Pontal	Escola Estadual Fazenda São Bento
SP	Andradina	Escola E.E João Carreira
SP	Itapeva	Escola E.M.Franco Montoro
SP	Teodoro Sampaio	COCAMP
SP	Grande São Paulo	Associação das Comunas da Terra
SP	Teodoro Sampaio	Centro de DH “Evandro Lins e Silva”
SP	Barra Funda -SP	Escritório Nacional - TC Itinerante
TO	Paraíso do Tocantins	Secretaria Estadual
Total	117	117

Referências bibliográficas

1. Canclini, Nestor García – *A Globalização Imaginada*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.
2. Castells, Manuel – *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
3. _____ - *O Poder da Identidade*. São Paulo, Paz e Terra, 2001.
4. _____ - *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.
5. Chomsky, Noam – *Um olhar sobre a América Latina* – entrevistas concedidas a Heinz Dieterich. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998.
6. Moraes, Dênis de. *O concreto e o virtual. Mídia, cultura e tecnologia*. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2001.

7. Fairclough, Norman – *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora UnB, 2001.
8. Foucault, Michel. *A Ordem do Discurso*. Rio de Janeiro: Loyola, 1999.
9. Gohn, Maria da Glória (org.) – *Movimentos Sociais no início do século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2003.
10. Gohn, Maria da Glória – *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.
11. Neto, Antonio Julio de Menezes Neto – *Globalização do Capital na Agricultura e o Projeto Sócioeducativo do MST* in: *Revista Universidade e Sociedade*. Brasília, Volume 1, número 1, 1999.
12. Thompson, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.

Sites de referência

<http://www.mst.org.br/>

<http://jbonline.terra.com.br/jb/online/internet/noticias/2003/11/03/onlintnot20031103004.html> - acessado em 03/11/2003.

Movimentos dos Trabalhadores Desocupados de Solano – Argentina
<http://www.solano.mtd.org.ar/>

Comitê Gestor da Internet no Brasil - <http://www.cg.org.br/eventos/nacionais.htm/>

<http://www.projectilearts.org/mst/portugues/>

<http://www.globalexchange.org/countries/brazil/mst/>

<http://veja.abril.com.br/idade/educacao/pesquise/mst/1459.html>

<http://www.rebellion.org/cartas.htm>

<http://forum.uol.com.br/>

<http://studentorgs.utexas.edu/nave/index.html>

http://www.directory.forum-alternatives.org/es/fma_search

<http://www.fsf.org/philosophy/free-sw.pt.html>

